

RAUL BRANDÃO:

150 anos



RAUL BRANDÃO:

150 anos

RAUL BRANDÃO:

150 anos

INTRODUÇÃO

II

Impressões e Paisagens:
Raul Brandão
Rui Moreira



I2

Prefácio de *Húmus* (2017)
Nuno Júdice

ATAS DO COLÓQUIO INTERNACIONAL EM HOMENAGEM A RAUL BRANDÃO

I9

«ou a vida é um acto religioso —
ou um acto estúpido e inútil»
Jorge Cunha

20

Nota de abertura
José Rui Teixeira

22

Programa do Colóquio

24

Húmus de Raul Brandão,
livro de um século
Maria João Reynaud

30

1867, nascimentos felizes:
Brandão, Nobre, Pessanha
Paula Morão

38

Autobiografismo, confessionalismo
e escrita autoficcional
nas memórias de Raul Brandão
Piero Ceccucci

50

O Diário de K. Maurício
como itinerário espiritual
José Tolentino Mendonça



54

As Ilhas Desconhecidas de
Raul Brandão: para além
das notas e paisagens
Nuno Ornelas Martins

64

O mar na obra de Raul Brandão
Albano Martins

66

Crise e modernidade em
Húmus de Raul Brandão
Vítor Pena Viçoso

78

O meu desespero termina aqui:
o outro de Raul Brandão
Júlio Rocha

82

Raul Brandão entre a
modernidade e a originalidade:
sobre algumas leituras críticas
Daniel-Henri Pageaux

90

A vida é um simulacro.
Leituras de *Húmus* de Raul Brandão
e de *Grito* de Rui Nunes
José Rui Teixeira

104

Se eu fosse pintor: Raul Brandão
e a paisagem escrita
Matteo Rei

112

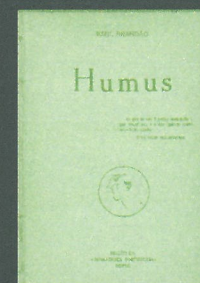
Cinquenta anos de edição
e recepção
Vasco Rosa

116

A fenomenologia da vida de Michel
Henry como literatura:
Os Pobres de Raul Brandão
Jorge Teixeira da Cunha

122

O Palhaço, O Padre e O Pobre:
três epifanias de Deus na obra
de Raul Brandão
Mário Garcia, SJ



128

Uma leitura de *Húmus*: o binómio
vida/ morte e as interrogações
sobre Deus
Manuel António Ribeiro

134

Presença de Camilo Castelo Branco
na escrita memorialística
de Raul Brandão
José Cândido de Oliveira Martins

144

Fialho de Almeida e Raul Brandão:
Histórias de Palhaços
& outros laços de escrita
Isabel Cristina Mateus

152

Raul Brandão e os Nefelibatas
Fernando Guimarães

156

O Expressionismo Satírico
de *Húmus*
Carlos Nogueira

160

Húmus e «Terra-Mãe»: Dalila
em diálogo com Brandão
Afonso Moreira da Rocha

164

O Doido e a Morte. De um poema
de Teixeira de Pascoaes (1912) a um
drama de Raul Brandão (1923)
Maria Luísa Malato

176

Raul Brandão e a República
António José Queiroz

182

Raul Brandão na presença:
algumas anotações
Fernando Castro Branco

190

Relendo *Húmus*: os paradoxos
(comparatistas) da Modernidade
Álvaro Manuel Machado

198

Nuno Júdice, *Mulheres de*
Húmus. Breve Apresentação
Maria João Reynaud

200

Fontes Arquivísticas,
Bibliográficas e de Internet

RAUL BRANDÃO: 150 ANOS EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA

213

Palavras na
abertura da exposição
Vasco Rosa

215

Biografia e Obra Literária
Biblioteca Pública
Municipal do Porto

323

Pintura e Ilustração
Casa Museu Guerra Junqueiro



DESCOBRIR BRANDÃO

444

Programa das Comemorações
dos 150 Anos do Nascimento
de Raul Brandão

446

Raul Brandão. Contributos
para uma Bibliografia
Manuel de Sampaio
Pimentel Azevedo Graça

O EXPRESSIONISMO SATÍRICO DE *HÚMUS*

Carlos Nogueira

UNIVERSIDADE DE VIGO, ESPANHA
CÁTEDRA INTERNACIONAL JOSÉ SARAMAGO

1 MOURÃO-FERREIRA, 1992: 183.

2 COELHO, 1996: 298.

3 COELHO, 1996: 299.

Húmus é uma obra-prima da literatura portuguesa, ou, melhor, uma «obra-prima em qualquer literatura»¹, como escreveu David Mourão-Ferreira num artigo de 1967. São inúmeros os estudos, mais e menos recentes, mais e menos extensos, que alguns dos mais bem-preparados ensaístas portugueses (e não só) dedicaram a esta obra genologicamente inclassificável, ou pelo menos de difícil classificação. Ainda assim, este livro, publicado pela primeira vez em 1917, continua a seduzir a crítica literária. O título da nossa intervenção, «O expressionismo satírico de *Húmus*», aponta claramente para aquilo que, aqui e agora, pretendemos: trata-se de averiguar em que medida o expressionismo de *Húmus*, um dos aspetos mais abordados desta obra, se articula com os conteúdos, as formas e os mecanismos da sátira.

Não há, que saibamos, um único artigo sobre a componente satírica de *Húmus*, e não são muitas as referências diretas a esta vertente da obra. Há como que uma recusa em aceitar que uma obra tão original, desconcertante e profunda tenha a ver com uma atitude e com uma forma de expressão e conteúdos em que existem agressividade, revolta, ira, cólera e outros sentimentos, emoções e comportamentos que muitos críticos e leitores não aceitam como

próprios do ser humano civilizado (até em termos religiosos) e culto. Alude-se ao inconformismo de Raul Brandão perante as desigualdades sociais, refere-se a denúncia da mesquinhez humana que se materializa em ódios, invejas, ganâncias, mas não são muitos os estudiosos que dizem sem eufemismos que há sátira, e sátira violenta, no *Húmus*. Seja como for, o narrador (ou os narradores), em inúmeros momentos específicos que podemos identificar sem grandes dificuldades ao longo de todo o livro, é um satírico que se inscreve no âmbito da chamada sátira social. Aliás, como nota Jacinto do Prado Coelho, «A primeira edição de *Húmus* tem aspectos violentos de sátira e libelo social que, nas edições seguintes, estão muito atenuadas, vindo então o aspecto ético-metafísico a dar à obra uma tonalidade una»². O mesmo estudioso continua: «Entretanto, ainda na forma definitiva (mais depurada, mais desprendida duma conjuntura histórica), *Húmus* exprime organicamente o sentimento duma revolução, quer dizer, duma inversão radical de valores; persiste mesmo a denúncia anticlerical, os padres defendiam os interesses estabelecidos, o medo do inferno era a sua arma, e agora que não se acredita no inferno, não sabem, aterrados, que fazer»³.

4 BRANDÃO, 1991A: 8.

5 BRANDÃO, 1991A: 8.

6 JANKÉLEVITCH, 1950: 7.

7 COELHO, 1996: 298.

8 TILTON, 1977: 18.

9 BRANDÃO, 1991A: 15.

10 BRANDÃO, 1991A: 19.

11 TILTON, 1977: 19.

Aquelas observações de Jacinto do Prado Coelho são exatas e preciosas porque assumem sem complexos as muitas passagens satíricas de *Húmus*. Há, de facto, neste livro, e não só na primeira versão, sátira, e sátira em tudo direta: «O severo Elias deixa morrer a mãe à fome e todos os anos dá contos de reis aos asilos»⁴. Sátira social, sem dúvida, que às vezes recorre a uma ironia que devém cinismo: «O Félix procurador não avança palavra sem dobrar a língua, e conserva no escritório, em rimas de papel cobertas de pó, a história da ganância, da vida e da morte de várias gerações»⁵. Expliquemos o nosso conceito de cinismo, apoiando-nos em Vladimir Jankélévitch, o autor que, do nosso ponto de vista, melhor define o fenómeno, considerando-o uma ironia frenética levada às últimas consequências, «le dilettantisme du paradoxe et du scandale»⁶. O cínico é aquele que pronuncia, num jeito frio e num timbre bem audível, os vícios escandalosos subjacentes a uma determinada questão moral. É sobretudo aos fundamentos de um sistema moral desajustado que o cínico dirige a sua palavra escandalizadora, ofensiva, e tanto mais satisfatória para ele quanto mais devastadores se revelarem os seus efeitos.

Mas esta sátira social, dirigida a pessoas e a instituições, não pode ser compreendida senão dentro do desespero metafísico que percorre todo o livro; desespero que nasce de uma «crise espiritual: os valores tradicionais pereceram — a Monarquia, a Igreja, a boa consciência burguesa; já não se acredita em Deus, já nem sequer se acredita na Razão, na ciência positiva; ficou um enorme vazio [...]»⁷. A sátira de *Húmus* é ampla, abrangente, e nela a agressividade que incide sobre pessoas, situações, casos e instituições combina-se, por paradoxal que possa parecer, com compaixão, desespero e desesperança. No *Húmus*, não se trata só de transcender a sátira social tópica que expõe os sentimentos, as paixões, as atitudes e os comportamentos

humanos mais aviltantes e desprezíveis. Mais do que isso, a sátira de *Húmus* transcende até as funções do ataque ou da denúncia e da exposição satírica: gera uma profunda visão satírica, «a vision, ultimately tragic in its implications, of man desperately refusing to face what he is and just as desperately — and unsuccessfully — trying to be»⁸. Vejamos outro exemplo entre muitos: «— Eu não vivi! Eu não vivi! [...] A vida é só isto? Por mais que queira não posso desfazer-me de pequenas acções, de pequenos ridículos, não posso desfazer-me de imbecilidades. [...] Tenho de ser grotesco ao lado da vida e da morte. Mesmo quando estou só o meu riso é idiota»⁹. Esta breve passagem ilumina as passagens satíricas que comentámos há pouco e às quais chamamos sátira tópica e social. Este é um dos modos de Raul Brandão evidenciar a distância entre o real e o ideal, entre a realidade e o sonho ou a ilusão. Sátira cósmica, portanto, que sonda em profundidade a natureza humana e a sua relação com o social e o cósmico, em busca de uma explicação para a situação difícil e irredutivelmente contraditória do ser humano. Fixemo-nos numa última passagem relativamente longa, para nos ser mais fácil clarificar o nosso pensamento:

Para não ver, para não ouvir, é que nos curvamos sobre a mesa de jogo. [...]. Usura de todos os instantes. Gasta-nos, desgasta-nos. E todos os dias acordamos mais velhos, todos os dias acordamos mais inúteis. [...] E todos os dias com medidas, sem gritos de terror, nos curvamos sobre esta mesa de jogo [...]. Chama-se a isto o quotidiano. [...] Com isto enchemos a vida até chegar a morte. Esta mesa de jogo é a nossa existência vulgar, a vida de todos os dias, com o galope da outra vida ao lado. Não se passa nada! Não se passa nada!¹⁰

Sátira cósmica, como vemos, com «profoundly tragic overtones»¹¹. Sem deixar de expor vícios, erros, fraquezas e excessos, a sátira de *Húmus* é cósmica no sentido em que se

12 LOURENÇO, 1999: 27.

13 BRANDÃO, 1991A: 19.

14 BRANDÃO, 1991A: 15.

15 VIÇOSO, 1999: 321.

16 REYNAUD, 2017: 9.

constitui em reação contra o macrocosmos e contra as forças imparáveis da natureza e da natureza humana. À ilusão humana contrapõe Raul Brandão uma resposta expressionista, e satírica, da vida; resposta que é «a realidade humana não expressa, e mesmo não exprimível, a não ser naquelas formas em que a arte dita «expressionista» as manifesta»¹². Apesar do azedume e do sofrimento que sentimos em momentos como aqueles que transcrevemos, há uma atitude de empatia e compaixão em relação ao ser humano perante as forças que ele não só não pode controlar como convergem na inevitabilidade da morte e nos muitos automatismos da vida.

Uma grande parte da força de *Húmus*, cuja tensão permanente desencadeia ou desperta emoções profundas do leitor, reside na assunção, que atravessa todo o livro, de um niilismo existencial determinista contra o qual qualquer reação é inútil. O universo no qual o ser humano é obrigado a viver não contém um sentido nem uma finalidade, e o mesmo acontece com a vida: «Atrás da insignificância andam os céus, os mundos, os vagalhões doirados. [...] Atrás do tabique e das palavras anda a Vida e a Morte e outras figuras tremendas. Atrás das palavras com que te iludes, de que te sustentas, das palavras mágicas, sinto uma coisa descalada e frenética, o espanto, a dor, as forças monstruosas e cegas»¹³. O expressionismo satírico de *Húmus* é a reação possível ao determinismo que, segundo o narrador, rege a existência e conduz ao nada; é a resposta a essa consciência atormentada tanto por agentes da pobreza e da mesquinhez humanas (os burgueses, os ricos, os poderosos, etc.) como por forças cósmicas incontrolláveis.

Retomemos esta passagem de *Húmus*: «Tenho de ser grotesco ao lado da vida e da morte. Mesmo quando estou só o meu riso é idiota»¹⁴. Fundindo o cómico e o trágico, o sublime e o trivial, a beleza e a fealdade,

Húmus alia, afinal, os extremos de que se tece a vida. Nessa coincidência de opostos radica a amplitude fortemente estruturante de uma categoria, o grotesco, que Raul Brandão usa com uma intensidade rara na literatura portuguesa¹⁵. Muita da originalidade de *Húmus* vem da ligação que se estabelece em todo o texto entre o grotesco e a sátira. Combinadas, estas duas categorias geram, no livro, uma categoria estética e filosófica única que é expressão e questionamento da sensível, profunda e misteriosa área da sensibilidade humana; uma categoria em que se conjugam o riso com o horror, a gargalhada com a estupefação, a denúncia da injusta e desumana (des)ordem social com a total descrença na vida e no ser humano.

O grotesco e o satírico constituem-se, em *Húmus*, num processo de extração das coordenadas paradoxais de um mundo absurdo, preso ao império da morte, do dinheiro e da vaidade, e incapaz de se redimir das fraquezas, dos vícios e dos erros. Não obstante tanta profanação e blasfêmia, tanta subversão e tanto riso grotesco e satírico dessacralizantes, *Húmus* evidencia a impossibilidade da expulsão de males sociais e individuais de uma «vila que não é mais do que a própria vida»¹⁶.

Esta abordagem de *Húmus* vem confirmar que há, no estudo da sátira, vazios e dogmatismos teórico-críticos que importa (re)conhecer e, na medida do possível, corrigir ou complementar. A redução da sátira a um simples sinónimo de crítica social, de censura das mentalidades e dos costumes, e, ainda, a um mero recurso subsidiário de disposições de espírito e estratégias discursivas como a ironia, o humor, o burlesco ou o grotesco, são os lugares-comuns para que mais tendem o senso comum e a própria crítica especializada, às vezes com a arrogância de quem insiste em dissertar sobre o que não estudou em profundidade. *Húmus* mostra-nos que a sátira não é, nem

enquanto disposição de espírito inscrita iniludivelmente na matriz do humano, nem enquanto forma de expressão, um corpo rígido que obedece a uma série limitada e suficientemente conhecida de motivações, conteúdos e recursos técnico-literários. *Húmus* é, portanto, uma obra fundamental para o aprofundamento da teoria da sátira.

Ao mesmo tempo, ler este livro recorrendo à teoria da sátira significa, parece-nos, aprofundar a compreensão de uma obra tão sedutora quanto enigmática e inclassificável, e é também contribuir para o conhecimento do expressionismo. Não é incorreto partirmos para a compreensão do expressionismo satírico de *Húmus* recorrendo à noção de sátira como oposição, assalto, agressividade em relação a um objeto, mas satisfazeremo-nos com essa estratégia significaria não compreendermos esta obra mais em profundidade. A sátira de *Húmus* é uma força que se realiza enquanto consciência angustiada mas animosa do eu em relação à dependência do mundo e às forças sociais e humanas mas também em relação às forças cósmicas inelutáveis que o subjugam. Todo o texto de *Húmus* é atravessado por uma nada pontual inscrição cósmica: é através dela que se identifica e responsabiliza como que uma metafísica sincrética por atos, humilhações e sacrifícios impostos ao narrador (ou narradores) e ao humano, a que aquele recusa entregar-se sem resistência, mesmo se reconhece aquilo que na realidade e na vida há de inexoravelmente fatal (*mortífero*): a morte e a pobreza da vida. Os apontamentos satíricos de *Húmus*, enquanto vigor especulativo e expressionista do sujeito (ou dos sujeitos) da escrita e do leitor, propiciam o conhecimento da realidade, da vida e da morte, que são assim questionadas e, mais, afrontadas, não estática e subservientemente, mas sim dinâmica e irreverentemente, e sem ocultar o que nesta atitude de oposição satírica é desespero, angústia, vertigem, medo, terror.

Regra geral, a palavra literária satírica cura ou pacifica o eu e destrói ou atenua a força do outro, quando o outro é um objeto que podemos identificar. Ora, no *Húmus*, os objetos são a condição cósmica e a condição humana, e por isso não poderemos falar propriamente de cura ou de pacificação do eu, nem de destruição ou atenuação da força do outro. De qualquer modo, contra a causalidade inexorável do cosmos ergue Raul Brandão uma muitíssimo original e incisiva sátira que poderemos designar de cósmica ou transcendente (ou ontológico-metafísica), pela qual o sujeito transcende a sátira social tópica e, de espetador passivo e ator secundário ou figurante, vem a colocar-se na posição de agente que insiste em desafiar ou questionar, com rara coragem, a inexorabilidade do tempo e da morte. No *Húmus* estabelece-se, em última instância, perante a inevitabilidade das misérias da condição humana e das regras invioláveis do cosmos, uma visão profundamente trágica apoiada numa estética do grito, do grotesco, do horror e do asco, mas nem por isso o sujeito, claramente desesperado e em perda constante, deixa de afirmar-se insubmisso, ímpar, livre e satírico.

FICHA TÉCNICA DA EDIÇÃO

Título
RAUL BRANDÃO: 150 ANOS

Organização
Câmara Municipal do Porto

Presidente
Rui Moreira

Adjunto da Presidência para a Cultura
Guilherme Blanc

Diretora Municipal de Cultura e Ciência
Mónica Guerreiro

Diretora de Departamento Municipal de Cultura
Sofia Alves

Chefe de Divisão Municipal de Museus e Património Cultural
Alexandra Lima

Chefe de Divisão Municipal de Bibliotecas
Sónia Pinto

Coordenação editorial
Manuel Azevedo Graça

Design gráfico
Luísa Martelo e Mariana Santiago (Martelo & Santiago)

Fotografia
Dinis Santos e Henrique Almeida

Edição
Câmara Municipal do Porto

Impressão
Gráfica Maiadouro

Tiragem
500 exemplares

Depósito legal
444893/18

ISBN
978-972-634-130-7

Nota
A responsabilidade dos textos pertence aos seus respetivos autores. Foi respeitada a vontade de cada autor quanto à versão do acordo ortográfico utilizado.

Se desejar mais informações sobre esta obra, consulte o seguinte endereço eletrónico:

WWW.CM.PT/RELAÇÕES_PUBLICAS

Se desejar mais informações sobre esta obra, consulte o seguinte endereço eletrónico:

WWW.CM.PT/RELAÇÕES_PUBLICAS

Se desejar mais informações sobre esta obra, consulte o seguinte endereço eletrónico:

WWW.CM.PT/RELAÇÕES_PUBLICAS

Se desejar mais informações sobre esta obra, consulte o seguinte endereço eletrónico:

WWW.CM.PT/RELAÇÕES_PUBLICAS

Se desejar mais informações sobre esta obra, consulte o seguinte endereço eletrónico:

WWW.CM.PT/RELAÇÕES_PUBLICAS

FICHA TÉCNICA DO COLÓQUIO

Título
Colóquio internacional em homenagem a Raul Brandão nos 150 anos do seu nascimento e no centenário de *Húmus*

Organização
Universidade Católica Portuguesa — Porto.

Cátedra Poesia e Transcendência

Faculdade de Teologia.

José Rui Teixeira, diretor e presidente do Conselho Científico da Cátedra Poesia e Transcendência da Universidade Católica Portuguesa — Porto

Jorge Teixeira da Cunha, professor catedrático

Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa — Porto

CEFi — Centro de Estudos de Filosofia

Coordenação Científica
Maria João Reynaud, professora jubilada, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, membro do CITCEM — Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória»

Local
Universidade Católica Portuguesa — Porto, Campus da Foz, Auditório Carvalho Guerra

Datas
15 e 16 de março 2017

Apoios
Câmara Municipal do Porto, Fundação Engenheiro António de Almeida

FICHA TÉCNICA DA EXPOSIÇÃO

Título
Raul Brandão: 150 Anos

Biografia e obra literária
Biblioteca Pública Municipal do Porto

Pintura e ilustração
Casa Museu Guerra Junqueiro

Datas
De 25 de março a 30 de setembro de 2017

Organização
Câmara Municipal do Porto

Presidente
Rui Moreira

Adjunto da Presidência para a Cultura
Guilherme Blanc

Diretora Municipal de Cultura e Ciência
Mónica Guerreiro

Diretora de Departamento Municipal de Cultura
Sofia Alves

Chefe de Divisão Municipal de Museus e Património Cultural
Alexandra Lima

Chefe de Divisão Municipal de Bibliotecas
Maria João Sampaio, Sónia Pinto

Coordenação de produção
Ana Clara Silva, Manuel Azevedo Graça

Curadoria
Vasco Rosa

Assistente de curadoria
Matilde Gazeau Frade

Design gráfico e expositivo
Luísa Martelo & Mariana Santiago (Martelo & Santiago)

Restauração
Lucinda de Oliveira

Digitalização
Júlio da Costa, Mário Borges, Paula Martins, Pedro Velho

Montagem
Ana Clara Silva, Clotilde Fernandes, Francisco Manuel de Sousa, Jorge da Costa, José Manuel Leite, Lucinda de Oliveira, Manuel Azevedo Graça, Patrícia Campos, Pedro Velho, Ricardo Reis, Augusto Santos

Agradecimentos
Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian, Casa Júlio Amorim de Carvalho, Fundação Cupertino de Miranda, Fundação Maria Isabel Guerra Junqueiro e Luís Pinto de Mesquita Carvalho, Fundação Mário Botas, Fundação Mário Soares, Museu Municipal Amadeo de Souza-Cardoso, Câmara Municipal de Amarante, Museu Nacional de Arte Antiga, Museu Nacional de Arte Contemporânea, Museu do Chiado, Museu Nacional Grão Vasco, O Som e a Fúria, Sociedade Martins Sarmento,

Alexandre Delgado, Família de Raul Roque de Figueiredo, Filipe Abranches, Francisca Nemésio, Henri Maïkoff, João Sousa Cardoso, Jorge Silva, José Bártolo, Júlia Buisel, Luís Manuel Gaspar, Manuel Roque, Maria Begasse, Maria João Vasconcelos, Mariana Carneiro, Paulo de Castilho